

## AS BIBLIOTECAS ESCOLARES DE RIO VERDE – GO E OS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

### THE SCHOOL LIBRARIES OF RIO VERDE - GO AND THE POSSIBLE PATHS FOR THE FORMATION OF READERS

Leonardo Montes Lopes  
Renata Junqueira Souza

**RESUMO:** O presente artigo O presente artigo é resultado de pesquisa realizada em estágio pós-doutoral e apresenta práticas de leitura e proposituras para a formação de leitores críticos e reflexivos por meio das bibliotecas escolares de Rio Verde-GO. O trabalho também faz apontamentos referentes à importância do espaço da biblioteca como suporte no processo de apropriação dos mais variados discursos, e como meio de inclusão social no espaço escolar. O mesmo tem como embasamento teórico, autores como: Bakhtin, Freire, Chartier, Silva, dentre outros. O texto aponta que as bibliotecas escolares de Rio Verde-GO necessitam de políticas públicas voltadas para o fortalecimento das práticas de leitura, e que é importante o envolvimento da comunidade e do poder público no sentido de ampliar e fortalecer esses ambientes por meio de projetos e políticas eficazes que objetivem o acesso à leitura e à informação, além de atividades voltadas para a formação de leitores por meio da coletividade e estratégias de mediação, tendo como premissa o fortalecimento da cultura e do conhecimento.

**Palavras-chave:** Biblioteca. Leitura. Apropriação de Discurso.

**ABSTRACT:** This article is part of a postdoctoral internship and presents reading practices and propositures for the formation of critical and reflective readers through the school libraries of Rio Verde-GO. The work also makes notes regarding the importance of the library space as support in the process of appropriation of the most varied discourses, and as a means of social inclusion in the school space. The same has as theoretical basis, authors such as: Bakhtin, Freire, Chartier, Silva, among others. The text points out that the school libraries of Rio Verde-GO need public policies aimed at strengthening reading practices, and that it is important to engage the community and public authorities in order to expand and strengthen these environments through effective projects and policies that aim at access to reading and information, in addition to activities aimed at the formation of readers through the collectivity and mediation strategies, with the premise of strengthening culture and knowledge.

**Keywords:** Library. Reading. Discourse Appropriation.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de estágio pós-doutoral realizado nas bibliotecas escolares de Rio Verde-GO, tendo como objetivo principal do estágio, analisar as políticas públicas de leitura da rede municipal de ensino de Rio Verde, voltadas para as bibliotecas escolares, buscando compreender quais são as fragilidades nas práticas de formação de leitores nesses espaços, e conhecer os projetos e as atuais práticas de formação de leitores que são executadas atualmente nesses ambientes. Diante dessa premissa, este artigo objetiva fazer apontamentos para o fortalecimento do espaço das bibliotecas escolares, além de levantar possíveis caminhos para a formação de leitores críticos e reflexivos, formados por meio da biblioteca escolar.

A cidade de Rio Verde que fica a 220 km de Goiânia, capital do estado de Goiás, e sua população é formada por habitantes de várias procedências, migrantes de diversas regiões do país, que se juntaram às famílias pioneiras da região, atraídas pelo desempenho da atividade agroindustrial do município, em que a agricultura, a pecuária e as agroindústrias são os pilares da economia local. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017), a população do município é de 248 mil habitantes, sendo que 91% residem na zona urbana e 9% na zona rural.

Em relação ao sistema educacional, a cidade de Rio Verde está constituída enquanto polo da educação pelas três esferas públicas: federal, estadual e municipal, tendo, conforme dados da Secretaria Municipal de Educação, 4.100 alunos na esfera federal (cursos técnicos e superiores), 18.112 na estadual (6º ao 9º e ensino médio) e 23.658 na esfera municipal (ed. infantil e 1º ao 9º ano). A rede privada de ensino está composta por aproximadamente 10.000 alunos. Ainda no campo educacional, a cidade conta com quatro instituições de ensino superior, que oferecem mais de quarenta cursos, que atendem universitários de Rio Verde e mais 18 cidades vizinhas.

Por meio dessa contextualização, fica evidenciada a importância da cidade de Rio Verde e a pertinência em se realizar um estudo sobre as Bibliotecas Escolares da rede municipal de ensino, devido ao relevante papel que esses espaços de leitura assumem frente ao número significativo de estudantes e comunidade em geral; e, também, por termos vínculos com as escolas municipais da rede e conhecermos a realidade de mediação de leitura nas bibliotecas do município, sendo dessa forma pertinente o estudo desses espaços. Atualmente, das 71 unidades escolares da rede municipal de ensino de Rio Verde, 28 possuem o espaço da biblioteca escolar, porém, há uma limitação nas práticas de mediação de leitura nesses espaços, devido à ausência de programas efetivos que levem

à formação de leitores críticos e reflexivos. Diante dessa realidade, nós enquanto pesquisadores procuramos identificar possíveis caminhos para fomentar o espaço das bibliotecas escolares de Rio Verde.

A leitura é utilizada para finalidades diversas, seja na escola, no lazer, ou em casa. A formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo. Porém, muitas vezes, essa formação prima por um ensino e uma concepção de leitura mecanicista e superficial, e se esquece que o leitor iniciante precisa ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e suas significações. Infelizmente, o que se percebe, muitas vezes nas etapas de formação de leitores, é um ensino de leitura superficial, que foca apenas na decifração e decodificação das palavras lidas pelos alunos. Essa situação nos reporta a Silva (1997 p. 95), quando relata que “A educação escolarizada fracassa em sua responsabilidade de formar leitores [...] a leitura escolar na maioria das vezes é encaminhada de forma acrítica e ilegítima”. Nesse sentido, o leitor não sabe por que lê, qual o objetivo daquela ou de outras atividades de leitura.

Em meio a essa realidade, tem-se manifestado nos últimos tempos, a necessidade de ações que, de alguma forma, ofereçam suporte para a formação de leitores nas escolas, apresentando aos alunos uma leitura que lhes dê posicionamentos, e os levem a compreender a essência do texto, estabelecendo relações com o autor do mesmo, proporcionando ao leitor condições de preencher as lacunas que possivelmente possam surgir no ato de ler, levando-o a ter uma postura crítica e reflexiva, e à construção de novas ideias, tornando-se totalmente ativo no processo de leitura e interpretação. Esses anseios vão ao encontro das concepções de Bakhtin (1999), para ele, há importância da apropriação do discurso no ato da leitura ou diálogo, em que o discurso do outro passa a ser de um terceiro com o acréscimo de suas concepções e ideologias.

Desse modo, a biblioteca escolar como organismo vivo dentro da escola necessita ter dinamizadores que desenvolvam um trabalho de formação de leitores, que prime em proporcionar à leitura a relevância necessária, oportunizando aos alunos a possibilidade de criar hipóteses sobre o texto lido, esculpindo seu significado com estilo e clareza, colocando em evidência os principais conflitos que cercam a essência do texto, o que é fundamental para a formação competente do leitor crítico. A esse respeito, Silva (1997, p. 114) afirma:

A leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um outro texto: o texto do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre gera expressão, ou seja, o desvelamento do ser do leitor. Assim, este tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação passiva de significados evocados; a leitura crítica deve ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser no mundo, dirigida ao outro e à dinamização da cultura.

Ao tratar especificamente das Bibliotecas Escolares pesquisadas em Rio Verde, quem as conduz precisa evitar uma leitura estética que centre no sentido primeiro das palavras, mas sim, apresentar uma leitura que abra lacunas, que oportunize ao leitor criar e recriar a partir daquilo que foi lido, buscando e idealizando a formação de um leitor capaz de agir e interagir em sociedade, tendo plena consciência dos seus posicionamentos e pronto para intervir no seu meio quando necessário.

Porém, a grande questão é: como aprimorar as Bibliotecas Escolares de Rio Verde-GO, para contribuirmos cada vez mais na formação desse perfil de leitor? Usamos o termo contribuir, porque não cabe somente à Biblioteca Escolar o papel de formar leitores, pois, a nosso ver, essa responsabilidade cabe, também, à sala de aula, à família e à execução de projetos realizados nas unidades escolares. Sobre esse assunto, Rigoletto e Di Giorgi (2009) apontam para a importância de se ter parceiros junto à Biblioteca Escolar, objetivando a democratização e o incentivo à leitura. Mas, dando destaque às Bibliotecas Escolares de Rio Verde, acreditamos que seja pertinente levantar proposituras que contribuam para a formação de leitores que leiam além das entrelinhas, e que saibam discutir e apropriar das leituras realizadas.

## **2. A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Para a constituição e reconstrução de uma Biblioteca Escolar voltada para a formação de leitores atuantes e reflexivos, um dos primeiros passos é ter mediadores eficientes e com um bom repertório literário e de mundo, ou seja, mediadores que se relacionem bem com a literatura e que tenham plenas condições de explorar e compartilhar o discurso, o enredo, as ideologias e os aspectos simbólicos presentes nas obras. Assim, quando se busca uma Biblioteca Escolar eficiente na formação de leitores, não se pode correr o risco de ter profissionais na biblioteca que se relacionam mal com a literatura, e a explora com equívocos. Nesse sentido, Silva (1997, p.38) destaca que:

Em verdade, a orientação para a leitura, fornecida pelos professores, parece ocorrer através do processo de ensaio – e – erro e, pelo que se constata, com mais erros do que acertos. Como esses professores não estudaram, no seu período de formação, elementos de teoria da leitura, os procedimentos pedagógicos geralmente são adotados através de um mecanismo de imitação, desconsiderando as características de clientela escolares específicas.

A constituição do leitor competente é de responsabilidade, também, do mediador lotado na biblioteca, mas para que ele cumpra com excelência seu papel em formar leitores reflexivos, não basta simplesmente ler histórias para as crianças sem objetivos claros. O mediador precisa desenvolver sua própria criticidade e maturidade linguística para colaborar com a formação leitora do aluno que frequenta a biblioteca.

Outro aspecto que merece destaque objetivando a formação desse leitor competente por meio das Bibliotecas Escolares, é a importância desse mediador ser instigante e mostrar aos alunos o valor de suas opiniões acerca de tudo que leem, assistem e ouvem no seu dia a dia, ou seja, levar o aluno a expressar seus julgamentos e valores. A esse respeito, Ferreira (2009, p. 78) ressalta que “O mediador, ao realizar indagações frequentes aos leitores, instiga-lhes o desejo de manifestarem suas opiniões acerca de uma obra de forma autônoma e crítica.” Assim, é fundamental que a Biblioteca Escolar, mesmo diante da ausência de investimentos e políticas específicas, constitua-se e se fortaleça como espaço de liberdade, manifestações de ideias e opiniões, contribuindo na formação intelectual dos pequenos leitores, preparando-os para o convívio em uma sociedade, onde cada dia mais se exige uma habilidade leitora coerente, crítica e reflexiva.

Ainda nesse contexto, outra característica importante em uma Biblioteca Escolar que visa formar leitores autônomos é procurar em suas atividades de leitura mostrar aos alunos, a importância de se fazer relações das leituras feitas com suas experiências pessoais, com sua história de vida, apresentando aos estudantes a necessidade da contextualização da leitura, seja questionando, revendo e construindo suas próprias opiniões e ideias, a partir do seu acervo pessoal. Acervo esse que, com o passar do tempo, se torna cada vez mais consistente, embasado e reflexivo, mesmo se tratando de pequenos leitores. Solé (1998, p.72) dentro dessa concepção atesta:

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes.

A partir desse pensamento, verifica-se a dimensão das relações de tudo aquilo que é lido e aprendido e a transferência desse conhecimento para os diferentes contextos. Isso nos mostra a importância das Bibliotecas Escolares de Rio Verde não ficarem restritas a atividades isoladas dentro da escola, mas sim atuarem como suporte ao currículo<sup>1</sup> nas diferentes disciplinas educacionais.

Há várias discussões a respeito dos currículos que não cabe aqui destacá-las, porém, o que se aborda no momento, é a importância da biblioteca se colocar como suporte ao currículo dentro das unidades escolares, inserindo os alunos na cultura escrita, abrindo-se para a realidade no sentido de considerar a cultura extraescolar e os conhecimentos prévios das crianças, pois estas, desde que nascem, são rodeadas pela escrita, uma vez que as mesmas estão inseridas num meio social e cultural. Assim, por meio da parceria entre Biblioteca e sala de aula, o mediador da biblioteca e o professor da sala trabalhando em conjunto temas e projetos variados, é possível constituir bibliotecas como suporte ao currículo nas escolas municipais de Rio Verde.

Tem-se como premissa uma Biblioteca Escolar inserida nas atividades diversas da escola, e que busca constantemente a formação de um leitor autônomo, é importante que toda equipe escolar compreenda que pensar literatura infantil é, antes de tudo, pensar a literatura. Não se pode de forma alguma, quando se pretende formar leitores críticos, desvincular a literatura de literatura infantojuvenil, afinal, elas não se opõem, muito pelo contrário. Dialogando e reforçando esse discurso, Machado (2001) sublinha que o importante ao pensar a literatura infantil é o substantivo literatura e não o adjetivo infantil. Dessa forma, não se trata simplesmente de livros para crianças, mas antes, trata-se de literatura, de textos que, rejeitando o estereótipo, apostam na invenção, na criatividade e no valor estético, objetivando sempre contribuir para a formação do leitor, e se colocando como apoio às atividades escolares.

Citamos a literatura infantil aqui somente como um dos materiais de leitura adequados à formação deste leitor crítico de que falamos, do leitor autônomo que conhece e lê vários gêneros e tipos textuais, reflete sobre o lido, incorpora conhecimentos, expõe em discussões e textos escritos seu aprendizado. Neste sentido, ler literatura é importante, assim como ler e conhecer outros tipos de textos, tais como: informativos, epistolares, humorísticos, referenciais, dentre outros.

---

<sup>1</sup>Vasconcellos (2006) menciona que quando se fala em currículo, a ênfase se volta quase sempre para o objeto de conhecimento, porém, pouco se fala sobre as relações com o contexto, bem como sobre os sujeitos do currículo, que são alunos e professores.

Diante desses apontamentos em busca de um número maior de Bibliotecas Escolares em Rio Verde, que ofereçam instrumentos para formação de leitores críticos e reflexivos, fica evidenciado que é possível, por meio do envolvimento e comprometimento da equipe escolar, implantar projetos que contemplem essas e outras propostas, objetivando uma biblioteca dinâmica e com plenas condições de auxiliar qualquer aluno na sua formação literária. Contudo, cabe a toda comunidade escolar a disposição e o envolvimento necessários para que essas propostas sejam concretizadas e produzam resultados satisfatórios.

### **3. As Estratégias de Mediação e Leitura: Propostas para as Bibliotecas de Rio Verde**

Ainda no percurso de propostas objetivando bibliotecas que auxiliem na formação de leitores críticos e autônomos, torna-se relevante apontar estratégias eficazes e dinâmicas para se trabalhar a leitura nesses espaços.

As Bibliotecas Escolares de Rio Verde executam processos de mediação, em que prevalece em algumas atividades de leitura, certa submissão ao texto, passando a ideia de que livro e autor sempre sobrepõem à imagem do leitor que, às vezes, é colocada como um ser passivo, ou inferior no ato da leitura e interpretação. Além disso, a mediação em parte das bibliotecas é voltada para uma leitura escolarizada e superficial, onde há na maioria das vezes uma cobrança em termos de notas e avaliações diversas. A esse respeito, em visita in loco em algumas bibliotecas escolares em funcionamento na cidade de Rio Verde-GO, foi possível notar que se trata de uma atividade de leitura superficial e mecânica, onde tivemos a oportunidade de acompanhar algumas mediações e percebermos que parte dos alunos ficavam dispersos e sequer liam o texto proposto. Tal fato deve-se a falta de acompanhamento, a estratégia e suporte didático da atividade. Além, é claro, das perguntas e discussões realizadas sobre o texto lido serem superficiais, com perguntas voltadas para: nome do autor do livro, editora, ano de publicação e etc. Esse processo de mediação privilegiando uma leitura escolarizada e superficial, em que há ausência de estratégias de leitura, remete-nos a Silva (1997, p.52), quando afirma:

Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à escolarização, então ler é, por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos. E, como a escola não é, e raramente foi, um organismo independente da sociedade, então as perguntas pertinentes ao processo de leitura (quem lê, o que ler, por que ler, de que forma ler, onde aplicar o que foi lido, etc.) ficam subordinadas a objetivos sociais mais amplos. Sendo as finalidades da leitura predeterminadas pela política educacional em vigor, e tendo sido essa política formulada segundo a ideologia da tecnocracia, fica mais fácil ver e sentir as suas consequências na área da leitura:

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202304

discriminação (uns lêem outros não), falseamento dos conteúdos inseridos nos livros, mediocridade (não questionamento dos conteúdos), submissão ao texto-juiz, recepção mecânica e não significativa, etc.

Assim posto, é válido que no processo de mediação de leitura na Biblioteca Escolar, se tenha a consciência de que a leitura não se limita à superficialidade, muito menos à submissão ou recepção sem significados. Nesse sentido, Cavallo e Chartier (1998, p. 8) ressaltam que: “A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma e com os outros”. Essa afirmação reforça a necessidade de se ter nas bibliotecas estratégias que priorizem uma leitura aprofundada, questionadora e que procurem integrar valores, resultando dessa forma na apropriação dos mais variados discursos.

Porém, ao se falar em procedimentos para se trabalhar a mediação de leitura, alguns questionamentos também podem ser levantados, como: que procedimentos serão utilizados para mediação da leitura? Como ensiná-los? Com quais objetivos? Essas perguntas podem ser uma das possibilidades para se trabalhar com o usuário da Biblioteca Escolar. São elas que nos reportam a Solé (1998, p. 73), quando em meio a essas questões, assegura que:

As estratégias ensinadas devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade – diante dela; facilitando a comprovação, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos.

O presente artigo, ao levantar propostas de estratégias de leitura e mediação para serem trabalhadas nas Bibliotecas Escolares de Rio Verde, busca por meio dessas atividades: a formação de um leitor que compreenda os propósitos implícitos e explícitos da leitura, aportando conhecimentos prévios contidos na sua experiência de vida, levando-o a avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o sentido comum, fazendo com que esse leitor seja um questionador das ideias, das estruturas de argumentação elaboradas pelo autor do texto e da relevância do tema abordado.

Assim, para Solé (1998, p. 67-70), as estratégias de leitura são “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Dessa maneira, essas estratégias são trabalhadas em três momentos: antes da leitura, durante a leitura e após a leitura. Diante dessa premissa, e após vivenciar o processo de mediação de leitura nas Bibliotecas Escolares

pesquisadas, este artigo aponta para a importância das professoras em Rio Verde fazerem um trabalho de mediação respeitando as três etapas enunciadas por Solé (2007).

É partindo desses três momentos, que Solé (2007) afirma que as atividades antes de serem iniciadas, deve-se, primeiramente, esclarecer aos alunos os objetivos da leitura, para que os mesmos possam selecionar, analisar e utilizar as habilidades e estratégias que estejam de acordo com o solicitado. É importante que essas estratégias forneçam às crianças informações sobre o que saber e o que fazer de acordo com os elementos propostos.

Dessa forma, é interessante que antes da leitura, os mediadores selecionem as obras que serão trabalhadas, separem os materiais necessários para facilitar o entendimento, levarem hipóteses sobre a receptividade dos alunos e suas dificuldades, estabeleçam previsões e relações sobre o texto, levarem questões, apresentem os textos, procurem despertar a curiosidade e a motivação dos alunos para a leitura e auxiliem na atualização dos conhecimentos possuídos pelos mesmos. Dessa forma, ativando os conhecimentos prévios dos estudantes, que segundo Kleiman (2002), são aquelas informações que o leitor já tenha vivenciado, ou seja, que tenha adquirido ao longo da vida.

Já nas atividades trabalhadas durante a leitura, faz-se necessário estimular a leitura silenciosa para que as crianças possam, assim, realizar sozinhas as atividades demonstradas pelo mediador. Em virtude disso, é importante que a professora proponha atividades que requeiram dos alunos formular perguntas sobre o que foi lido, fazer previsões sobre o texto, esclarecer possíveis dúvidas e resumir as ideias contidas na leitura realizada. De acordo com Solé (2007), são as ações de leitura realizadas neste momento que permitirão que as crianças façam inferências sobre o texto lido. Segundo Gretchen Owochi (2003), inferir é uma estratégia que permite aos leitores considerar o texto sob uma nova perspectiva, criando sentidos através de informações que não foram dadas pelo autor, ou seja, informações que não se encontram explícitas no texto.

Ainda dentro das atividades propostas durante a leitura, o mediador pode promover ocasiões em que os alunos na biblioteca discutam coletivamente sobre os aspectos lidos, buscando com que os estudantes façam relações entre os conhecimentos prévios com os novos apresentados pela obra lida, isso por meio de resumos, explicações, esclarecimentos, recontos, exposições, sínteses e círculos literários.

De acordo com Solé (2007), as estratégias utilizadas depois da leitura devem permitir a retomada e a reflexão sobre as relações estabelecidas anteriormente, visando auxiliar o aluno a desenvolver vários tipos de atividades cognitivas que permitam ao estudante: criticar, elaborar opiniões, realizar conexões pessoais com outras obras, estabelecer a causa e o efeito presente no enredo da obra, considerar as intenções e pontos de vistas do autor da obra e aplicar informações novas adquiridas com a leitura. É importante que nesta etapa do trabalho, as dinamizadoras solicitem aos alunos que formulem individualmente resumos, façam a identificação do tema do texto lido, que identifiquem as ideias principais e suscitem reflexões variadas.

O uso dessas estratégias em busca da formação de leitores autônomos e reflexivos, e de uma mediação que auxilie nesse processo, nos reporta aos pensamentos de Terzi (1995, p. 93), quando pondera que:

Na oralidade, a criação de um texto é um esforço conjunto dos participantes, num processo de re-significação constante de um pelo outro. Já na escrita, existe uma unidade de significação construída pelo autor responsável pelo texto. Daí ser necessário que as crianças aprendam a construir um autor-falante, fisicamente distante, mas presente através do texto; a imaginar personagens não conhecidos e situações não-vivenciadas; a pensar em termos de uma unidade que tem existência prévia ao processo de re-significação pela leitura. Essa aprendizagem tem início nas atividades de leitura mediada pelo adulto, quando este leva a criança a estabelecer conexões entre o mundo descrito ou criado pelo autor e seu próprio mundo.

Conforme a citação, nas etapas de aprendizagem da leitura, o aluno precisa integrá-las a uma atividade significativa. Assim, nesse processo de mediação, é válido articular situações de ensino de leitura em que se garanta sua aprendizagem por meio de uma mediação consistente, que privilegie teoria e prática, por meio de situações reais de leitura, em que o mediador com habilidade perceba a possibilidade real de acesso ao conhecimento, formando leitores competentes e que saibam atribuir significados à leitura realizada.

Em todo esse processo de mediação é fundamental que essas estratégias sejam utilizadas, sem que se esqueçam dos aspectos lúdicos, pois as crianças precisam ser atraídas por leituras e atividades que lhes cativem. “Na mediação com leituras, iniciar com atividades lúdicas realizadas por meio da resolução e produção de jogos, desafios e enigmas”. (FERREIRA, 2009, p.88). Daí a necessidade de se aliar atividades que visem uma formação de leitores com embasamento teórico, porém, sem abandonar o prazer do texto.

As questões levantadas neste subitem partem do princípio de que as crianças necessitam da mediação do professor para consolidar e dominar com coerência as atividades e operações culturais. A esse respeito, Vygotsky (1998) destaca que a educação e o professor têm um papel singular no desenvolvimento das pessoas. Diante disso, a proposta de formação de um leitor crítico e reflexivo por meio das Bibliotecas Escolares de Rio Verde, parte do princípio da utilização das estratégias e da interação, em que o texto é passível de interpretações múltiplas, e que a função das professoras é mediar as informações oriundas de uma esfera social mais ampla do aluno, possibilitando um elo com o texto, resultando, assim, na formação de um leitor constituído com o auxílio da Biblioteca Escolar.

#### **4. OS PROJETOS DE LEITURA E A IMPORTÂNCIA DO COMPARTILHAR ENTRE AS BIBLIOTECAS DA REDE**

A principal competência das Bibliotecas Escolares é ter condições e habilidades para oferecer aos alunos atividades de leitura que produzam o letramento literário, o prazer pelo ato de ler e, acima de tudo, a formação de leitores que saibam ler e interpretar com criticidade. Porém, para que as bibliotecas alcancem essas habilidades no seu dia a dia, é fundamental que desenvolvam seus projetos de leitura em parceria; uma vez que a cooperação e o intercâmbio de atividades entre as Bibliotecas Escolares surgem como possibilidade de benefícios para toda comunidade escolar. Isso porque quando as bibliotecas compartilham projetos e atividades bem-sucedidas, fortalecem os mais variados projetos de leitura. Tal proposição vai ao encontro das ideias postuladas por Amaral, Brito e Calabrez (2013), quando asseveram que nenhuma biblioteca pode bastar-se em si mesma, sendo importante a parceria e a integração, buscando sempre compartilhar atividades, projetos e programas bem-sucedidos entre as bibliotecas, com o objetivo de formar leitores.

Nas Bibliotecas Escolares de Rio Verde, é possível afirmar que é tímido o trabalho de integração entre esses espaços, ou seja, os projetos de leitura realizados e a troca de livros não são compartilhados de forma ampla entre as bibliotecas. Isso resulta num certo isolamento; o que compromete a coletividade em busca de projetos maiores.

No período em que estivemos realizando as observações diretas nas bibliotecas escolares de Rio Verde, não presenciamos, em momento algum, as professoras tentando articular com os pares, a possibilidade de troca de livros, isso porque, em algumas bibliotecas havia vários

exemplares de uma determinada obra, em contrapartida, em outra biblioteca, sequer havia um exemplar. Diante desse cenário, acreditamos que poderia haver entre as bibliotecas do município um trabalho de integração e troca de livros, visando amenizar a falta de determinados títulos e, ao mesmo tempo, unindo as bibliotecas em um objetivo maior, fortalecer o acervo de seu espaço de leitura. Outra possibilidade que poderia contribuir para o enriquecimento do acervo e da coletividade entre as bibliotecas, seria a Secretaria Municipal de Educação viabilizar um sistema de catalogação integrado, em que por meio de um programa específico, todas as professoras poderiam em tempo real se informar sobre o acervo existente nas bibliotecas da rede.

Com relação aos projetos de leitura, o que se percebe é que mesmo diante de poucos investimentos e de políticas públicas fragilizadas, há em parte das bibliotecas pesquisadas em Rio Verde, projetos interessantes que poderiam ser compartilhados com as demais bibliotecas da rede, o que beneficiaria um número maior de alunos. Diante dessa realidade, é preciso conscientizar as professoras e toda comunidade escolar, de que a biblioteca é, sim, um espaço propício para o constante desenvolvimento de projetos e atividades pedagógicas inovadoras, porém, é fundamental que esses projetos sejam compartilhados com as demais Bibliotecas Escolares, possibilitando a ampliação do conhecimento numa perspectiva de transformação coletiva e democrática.

Desse modo, é relevante que a biblioteca seja um espaço onde haja participação de todos os envolvidos nos projetos, e que esses sejam compartilhados com vistas à formação de leitores e à construção do conhecimento, dentro de um espaço organizado, prazeroso, com atividades diversificadas e acessíveis aos alunos. É nessa perspectiva de socialização de projetos e ideias realizadas nas Bibliotecas Escolares, que deveria ser lapidada, cada dia mais, a capacidade leitora dos alunos. Isso poderia acontecer por meio de oficinas inovadoras, que compartilhadas com as demais bibliotecas, e adaptadas à realidade de cada espaço, contribuiriam para a transformação do meio no qual os alunos estão inseridos. A comunicação e partilha entre as Bibliotecas Escolares é muito debatida por Amanto e Garcia (1989), quando afirmam que ao compartilhar e socializar projetos de leitura realizados nas bibliotecas, esses servirão de suporte a programas educacionais, integrando biblioteca e escola como parte dinamizadora de toda ação cultural e social.

Em Rio Verde, ao vivenciarmos o dia a dia das bibliotecas, tivemos a oportunidade de conhecer alguns projetos de leitura muito interessantes desenvolvidos em algumas das bibliotecas visitadas. Porém, um projeto realizado em uma das escolas de ensino fundamental I nos chamou a

atenção devido ao envolvimento dos alunos e o comprometimento das professoras. Nesse projeto, toda primeira semana do mês são desenvolvidas atividades em que se homenageiam e se trabalham autores da literatura infantil, personagens folclóricos e festividades diversas. Durante toda essa primeira semana, a biblioteca é ornamentada em homenagem ao tema do mês, e as professoras se caracterizam do personagem trabalhado para o lançamento do tema, o que desperta a atenção dos alunos e insere as atividades da biblioteca junto à comunidade escolar. Durante a semana de atividades, há contações de histórias no pátio, palestras com autores locais e da região, além de atividades que buscam a integração entre biblioteca e comunidade.

Esse projeto realizado nessa escola, tem como objetivo despertar o prazer da leitura por meio de personagens folclóricos, e aguçar o potencial cognitivo e criativo dos alunos, além de possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação, proporcionando a essas crianças o alargamento dos horizontes pessoais e culturais; estimulando assim, o desejo de novas leituras e experiências no mundo da literatura.

Ao conhecermos esse projeto, percebemos que o espaço da biblioteca estava contribuindo de forma direta para o fortalecimento das atividades de mediação. Afinal, ambientes bem organizados, com o objetivo de receber de forma acolhedora, os alunos tornam-se fundamentais para atrair os estudantes ao universo da leitura. A esse respeito, Souza e Bortolanza (2012) afirmam que a organização física de uma biblioteca precisa ser agradável e despertar a atenção dos leitores.

Outro aspecto que vale ser destacado nesse projeto é a caracterização dos personagens, e a decoração da biblioteca. Já que esses elementos chamavam muito a atenção dos pequenos leitores, despertando-os e motivando-os para as atividades da Biblioteca Escolar, o que nos reporta a Luiz (2013, p. 164), quando aponta que:

Para sedução do leitor, alguns itens podem ser incorporados ao cotidiano da biblioteca. A decoração é uma delas [...] o espaço da biblioteca pode ser revestido de cartazes, objetos e materiais artísticos, conforme determinada organização temática. Nessa linha, a sala ganharia diferentes faces conforme os temas que norteariam a semana (carnaval, festa junina, semana do folclore, etc). Livros que abordassem estas temáticas ficariam em destaque no ambiente, conquistando, pouco a pouco, a atenção da criança.

Nota-se a importância de se trabalhar com temáticas, e ter uma organização física acolhedora na biblioteca no processo de sedução dos leitores. Desta forma, é importante que atividades iguais a essas, sejam compartilhadas e socializadas com as demais bibliotecas da rede, o

que até o momento não acontece. Ou seja, os projetos ficam limitados a uma comunidade, daí a importância de se divulgar e propagar tais projetos para as demais Bibliotecas Escolares, no sentido de disseminar bons programas de leitura para atender e integrar o maior número de alunos possível.

Espera-se que por meio da integração entre as Bibliotecas Escolares de Rio Verde-GO, haja a socialização de ideias e projetos que as envolvam em busca de objetivos comuns, tornando esse espaço vivo, atuante e com potencial para proporcionar o acesso aos mais variados bens culturais.

## **5. O MUNDO DIGITAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSOLIDAÇÃO DO LEITOR**

Atualmente, por meio do constante avanço tecnológico, é válido que as Bibliotecas Escolares se adaptem a novos suportes, afinal, o uso das tecnologias já é algo bastante comum em todas as áreas do conhecimento e as bibliotecas precisam saber aproveitar os benefícios das novas tecnologias, que podem ser utilizadas nas atividades que envolvem a formação de leitores.

Nota-se que o livro e suas práticas de leitura, bem como a relação com a escrita, encontram-se num momento de rápida transformação, impondo uma reflexão sobre como se traduzem essas mudanças na “ordem do livro”. Na verdade, há um campo de turbulência, em que se assiste cada vez mais as experiências no âmbito da edição eletrônica e ao aparecimento de obras para leituras em *ecrã*<sup>2</sup> de dispositivos portáteis de leitura de textos digitalizados, à multiplicação de publicações em diversos formatos e linguagens “mark-up” e ao desenvolvimento de “software” para potencializar condições dessa “nova leitura”.

Neste quadro, Chartier (1998, p.147) tem insistido que, muito embora situações aparentemente semelhantes sejam recorrentes na história do livro e dos meios de comunicação, o momento em que as pessoas se encontram, configura-se uma “revolução” mais radical do que todas as anteriores, por abranger, pela primeira vez, em simultâneo, um conjunto de mutações que até agora tinham ocorrido em separado. Na verdade, Chartier (1998) argumenta que muitas das categorias através das quais as pessoas têm relacionado com a cultura escrita estão alterando-se, pois têm havido mudanças nas técnicas de reprodução do texto, na forma ou suporte do texto e nas

---

<sup>2</sup> (que significa “rede de alcance mundial”) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na internet. Os documentos podem estar em forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras.

práticas de leitura. Ainda, segundo esse autor, no passado isso nunca sucedeu, porque a invenção do códice<sup>3</sup> no Ocidente não modificou os meios de reprodução dos textos ou dos manuscritos. A invenção de Gutenberg não modificou a forma do livro. As revoluções nas práticas de leitura ocorreram no contexto de certa estabilidade quer nas técnicas de reprodução dos textos quer na forma e materialidade do objeto.

Ainda segundo Chartier (1998), essa singularidade leva ao enfrentamento de uma crise nas categorias que têm permitido uma ligação com o livro e com sua cultura. Por exemplo, as que dizem respeito à propriedade e ao “copyright”<sup>4</sup>, que se cristalizam durante o século XVIII, encontram agora diversas dificuldades face às características do texto eletrônico. Mas o mesmo se passa com a noção da identidade do livro, identidade que é simultaneamente textual e material. Até agora, os gêneros textuais podiam distinguir-se imediatamente pela sua materialidade específica. Um livro não é um jornal, que por sua vez também não é uma carta. Mas no mundo dos textos eletrônicos, esta diferença tende a desaparecer. Chartier (1998, p.30) ressalta que:

Ler numa tela, de fato, não é ler num codex. A nova representação do escrito modifica, em primeiro lugar, a noção de contexto, substituindo a contigüidade física entre textos presentes num mesmo objeto (um livro, uma revista, um jornal) sua posição e distribuição em arquiteturas lógicas – as que governam os bancos de dados, os fichários eletrônicos, os repertórios e as palavras-chaves que tornam possível o acesso à informação. Ela redefine também a “materialidade” das obras, quebrando o elo físico que existia entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto ou textos que ele veicula, dando ao leitor, e não mais ao autor ou ao editor, o domínio sobre o contorno ou a aparência do texto que ele faz aparecer na tela. É, portanto, todo o sistema de identificação e de manejo dos textos que é transformado.

Mesmo em meio a todas essas transformações que estão ocorrendo nas formas de reprodução textual, no suporte do texto ou até mesmo nas práticas de leitura, há de se admitir que o mundo digital tenha revolucionado a informação e o conhecimento nos dias atuais.

---

<sup>3</sup> Livro manuscrito, em geral do período da era antiga tardia até a Idade Média. O códice é um avanço do rolo de pergaminho, e gradativamente substituiu este último como meio de escrita. O códice por sua vez, foi substituído pelo livro impresso.

<sup>4</sup> Direitos autorais, propriedade literária ou artística.

Lévy (2003) mostra que a ciberdemocracia<sup>5</sup> favorece grandemente a quebra das barreiras territoriais, tanto no sentido político como cultural, abrindo um espaço para expressão da liberdade, podendo a humanidade se conectar com quem e quando desejar, tornando-se atemporal, para discutir assuntos sobre política, trocar informações, pesquisá-las de acordo com seus interesses. Para Lévy (2003, p.377), “a internet é o melhor meio de comunicação e traz a esperança de libertação tão esperada, libertação de uma sociedade estruturada sobre fortes pressões e imposições dos dominantes no império da globalização”. Para tanto, é necessária a intervenção do Estado no processo de inserção de toda população na sociedade globalizada, oferecendo programas sérios que proporcionem acesso à informação e um suporte para o desenvolvimento da leitura.

Nas bibliotecas por nós visitadas, nenhuma possui em suas dependências computadores suficientes para atender aos alunos que frequentam esses espaços; porém, todas as turmas de 5º e 9º anos do ensino fundamental foram contempladas com notebooks, onde estão disponibilizados aos alunos computadores em quantidade suficiente para que as professoras possam utilizá-los nas atividades de leitura, ou seja, uma oportunidade de se fazer uso dos recursos digitais.

Infelizmente, poucas unidades escolares estão fazendo uso desses computadores para a promoção da leitura e a formação de leitores, dessa forma, não está havendo a integração entre esses dois espaços objetivando atividades de leitura. Afinal, a Biblioteca Escolar pode fazer uso de programas e sites para ter acesso a livros digitais, o que contribui para o aumento do fascínio e interesse dos alunos por uma leitura que toma novos rumos na sociedade contemporânea. Diante dessa realidade, acreditamos que a Secretaria Municipal de Educação, poderia oferecer um momento de formação aos professores de Rio Verde, apresentando e discutindo *sites* de acesso a bibliotecas e livros digitais, além de discutir as vantagens da interação entre leitura e mundo virtual.

É preciso que toda comunidade escolar envolvida com a biblioteca se conscientize que a interação com o mundo digital faz parte da educação da sociedade, pois os mais diversos tipos de textos estão convergindo e se apropriando das linguagens e dos termos disponíveis na internet. Por isso é importante que a Biblioteca Escolar tenha atividades e oficinas que possibilitem aos alunos o

---

<sup>5</sup> Representação da democracia no meio virtual, o que, claro, se acredita existir na internet, ou seja, a oportunidade de todas as pessoas, independente de classe social, cor ou sexo, ter acesso ao mundo da informática.

acesso ao mundo da *web*, utilizando estratégias que visem a formação de leitores tendo o meio digital como ferramenta aliada. A esse respeito, Furtado e Oliveira (2010, p. 20) afirmam que:

[...] o contato das crianças com a tecnologia dos computadores de forma lúdica e atrativa, colabora para o aprendizado das ferramentas da informática e conduz à inclusão digital com finalidade educativa [...] A biblioteca escolar ao oferecer serviço de comunidade de leitores, com o uso da *web*, amplia sua função de incentivo a leitura, pois a interação criadora entre leitores possibilita potencializar as experiências das crianças e jovens, de forma a motivá-los para a leitura.

Diante dessa premissa, é salutar que as Bibliotecas Escolares da rede municipal de Rio Verde-GO, por meio das professoras, façam uso dos recursos digitais como suporte na formação de leitores autônomos e dinâmicos, disponibilizando a esses alunos novas formas de textos com suportes digitais que ajudam no desenvolvimento da leitura, na apropriação do discurso e na criatividade. Vale lembrar, que os recursos na busca da formação de leitores críticos e reflexivos devem ser diversificados, inclusive por meio das multimídias, onde a informação está disponível para as pessoas através da tecnologia, que é uma das responsáveis pela transformação de inúmeros setores da sociedade.

É preciso que a Biblioteca Escolar acompanhe a expansão dos horizontes do ensino e das práticas de formação de leitores, porque, ao proporcionar aos estudantes o acesso a diferentes tipos de textos através dos meios digitais, a biblioteca acrescenta aos usuários outras opções de contato com a cultura, com a informação, e com a prática da leitura, tornando-se um meio para atrair essa nova geração de crianças totalmente voltadas para a tecnologia.

É importante destacar, que a proposta aqui levantada por meio deste artigo, não avança para a implantação de bibliotecas digitais nas escolas municipais de Rio Verde-GO, que segundo Marchiori (1997), é aquela onde as informações se apresentam somente de forma digital, não contendo materiais impressos. Mas o que se propõe é a interação da Biblioteca Escolar com os meios digitais, como apoio real no processo de formação de leitores, integrando mediação e estratégias de leitura com as ferramentas tecnológicas. Tal contexto nos reporta a Freire (1998), quando destaca que por meio do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, surgiram novas tendências pedagógicas e didáticas, a chamada pedagogia interativa. Dessa maneira, as Bibliotecas Escolares de Rio Verde têm plenas condições de utilizar os meios digitais como auxílio na formação de leitores no fortalecimento das atividades de leitura realizadas por meio das bibliotecas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo é possível afirmar que as Bibliotecas Escolares de Rio Verde-GO, mesmo com limitações, tentam promover e consolidar o espaço da biblioteca como ambiente de formação de leitores, tentando cumprir seu papel de agente cultural para alunos e comunidade em geral, oferecendo possibilidades de discussão, encontro e favorecimento da leitura. Fica claro que os projetos e as práticas de leitura existentes nessas bibliotecas são frutos da iniciativa e dedicação dos mediadores ali presentes que, mesmo em meio à carência de recursos e verbas, vêm ao longo dos anos desempenhando projetos e campanhas com o objetivo de incentivar e propagar os benefícios da leitura e da formação de leitores críticos, reflexivos e autônomos.

Essa ausência de investimentos me remete a Abreu (2000, p.156), quando alerta que: “Se queremos uma sociedade democrática e justa, inclusive do ponto de vista cultural, é fundamental que se invista em escolas e bibliotecas de qualidade”. Dessa forma, se considerarmos a educação como base sólida para o desenvolvimento massificador, será possível compreender que as bibliotecas podem oferecer o aprofundamento dos conhecimentos individuais, promovendo a capacidade e a criatividade dos alunos. Diante dessa premissa, é importante que o poder público municipal em Rio Verde, por meio da Secretaria de Educação, promova políticas específicas junto às Bibliotecas Escolares, para que elas tenham condições de se aperfeiçoarem, de continuarem cumprindo seu papel no oferecimento de oportunidades de leitura e, assim, contribuir ainda mais para a formação de leitores nas escolas do município.

Diante dessa premissa, almejamos junto às Bibliotecas Escolares de Rio Verde-GO, ações para que elas se consolidem como ambiente de apoio às desigualdades e compensação social, oferecendo a todos os alunos, a possibilidade de acesso igualitário à informação, à educação e à cultura, contribuindo para incentivar a leitura e apropriação dos mais variados discursos, resultando assim, na tão almejada formação de leitores que tenham habilidades de compreensão e argumentação de ideias.

Esperamos que o presente artigo, tenha contribuído com as Bibliotecas Escolares de Rio Verde-GO, elucidando as possíveis fragilidades nas práticas de formação de leitores, e apontando caminhos que resultem no fortalecimento do espaço das bibliotecas escolares, resultando na formação de leitores, fazendo valer as atribuições sociais e culturais, além de valorizar os

mediadores que atuam nessas bibliotecas. Com isso, este artigo buscou colaborar com a implantação e consolidação de futuros projetos junto às Bibliotecas Escolares, na expectativa de promover a leitura e a cultura como forma de exercício democrático e acessível para todos os alunos da rede municipal, primando sempre pela autonomia, criticidade e desenvolvimento intelectual dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas – SP: Mercado das Letras. 2000.
- AMATO, Mírian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (coord.) **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. P. 9-23.
- AMARAL, M. R. do; BRITO, A. G. C. de; CALABREZ, A. P. A. **Cooperação e intercâmbio em bibliotecas universitárias**. Disponível em: file:///C:/Users/Leonardo/Downloads/1618-1631-1-PB%20(1).pdf(2013). Acesso em: agosto de 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. V.1 São Paulo: Ática, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação. In: SOUZA, R.J de (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas-SP. Mercado de Letras. 2009. 69-96.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FURTADO, Cássia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. **A biblioteca escolar na formação de leitores – autores via web**. Informação e Sociedade. João Pessoa. V.20, n.20, n.1.p.13 – 23, jan./ abr. 2010. Disponível em: [www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11410](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11410). Acesso em: agosto de 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/SINTESE.php>? Acesso em 02/04/2013.
- LÉVY, P. **Pela ciberdemocracia**. In Moraes, D. Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 367 – 384.
- LUIZ, Fernando Teixeira. O labirinto de histórias: a biblioteca como espaço para a interação dialógica. In: SOUZA, R. J. de; FEBA, B. L. T. **Ações para a formação do leitor literário: da teoria à prática**. Assis-SP. Storbem Gráfica e Editora. 2013. 157 - 168.
- MARCHIORI, P. Z. **“Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação**. Ciência da Informação, Brasília, v.26, n.2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-1.pdf>. Acesso em agosto de 2014.
- OWOCHI, Gretchen. **Comprehension – strategic intruction for K – 3 students**. Portsmouth: Hernemann, 2003.
- SILVA, Ezequiel da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado aberto, 5ª ed. 1997.
- RIGOLETO, A. P. C; DI GIORGI, C. A. G. Outros parceiros da biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas – SP. Mercado de Letras. 2009. P. 219-238.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora S/A. 2007.

SOUZA, R.J., BORTOLANZA, A.M.E. **Leitura e literatura para crianças de meses a 5 anos: livros, poesia e outras ideias**. In: *Leitura e Cidadania*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. Campinas, SP: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade humana como princípio educativo – para além da prática disciplinar instrucionista**. *Revista de Educação AEC*, Brasília – DF, ano 35, n. 139, p. 27 – 46. Jul. / Set. 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1998.